TL9

FUTURO DA PALAVRA MAUBERE

Fernando Sylvan

Alguns timores protestam contra o uso da palavra Maubere no significado que, felizmente, hoje tem: nome de povo e de tudo o que lhe é relativo. E isso, porque, dizem, se trata de um vocativo pejorativo por a palavra maubere significar zé-ninguém; mas na região dos galólis, de onde é originária, foi desde não se sabe quando, nome masculino de gente, consequentemente substantivo próprio. O nome tornou-se vulgar e com isso ganhou força expansionista, talvez nem tanto por si mesma, mas por corrosão absorvente dos colonialistas. Não vale tentar segurá-lo.

O nome próprio Maubere (talvez Mau-Bere) tem crescido, positivamente, de forma extraordinária e espectacular. Para além de continuar como nome próprio masculino e nome de povo, é adjectivo. Na verdade, Maubere quer dizer actualmente povo de Timor-Leste e tudo o que lhe é relativo. É a única palavra da língua teto que se universalizou.

É difícil, por enquanto, descobrir-lhe a origem Não pode mesmo a propósito dela dizer-se mais do que ser palavra masculina, por a partícula mau indicar-lhe o género.

Nenhum outro vocábulo teto, uma das muitas línguas de Timor-Leste e a única de serviço intercomunicário, teve mais rápido movimento, e isso, indesmentivelmente, pelo uso que dela fez e faz a Resistência, dentro e fora, sobretudo fora das fronteiras de Timor-Leste. É esta palavra que viaja, altaneira, na Comunicação Social de todos os países, nos Organismos de Apoio em numerosos Estados, nos areópogos internacionais, em todos os sítios, enfim, inserida na generalidade das línguas cultas.

É só por isso que a palavra maubere tem crescido de forma extraordinária e espectacular. Novo sentido se lhe colou e a encorpou. É palavra usada no português e internacionalmente, em conversa de rua, discurso político, texto poético ou erudito, porque, na verdade, a invasão indonésia e o genocídio consequente, com o trazer a questão dos Mauberes ao primeiro plano das preocupações nacionais e internacionais, fez com que a palavra maubere, tal e qual, fosse inserida, e vivesse, sem tradução, em todos os idiomas. Como, é claro, na língua portuguesa. De facto, o uso da palavra maubere é corrente e apreendida no seu significado maior.

E isto, apesar de ter começado por ser, apenas, vulgar antropónimo masculino. Tão vulgar como o são no português os antropónimos António e João.

O nome próprio Maubere (Mau-Bere) aparece a ilustrar exemplos de casos característicos em que filhos modificam, a partir do seu próprio nome, o nome dos pais, acrescentados de Inan ou Aman conforme à Mãe ou ao Pai. No caso de primogénito Mau-Bere (Maubere), a mãe ficava a chamar-se Mau-Bere Inan e o pai Mau-Bere Aman. Inan, significa feminino, mãe, mulher; Aman, significa masculino, pai, homem. (*)

Como não havia apelidos, explicava-se a necessidade desta combinação a partir de nomes próprios, femininos ou masculinos, para identificação na estrutura familiar.

A necessidade de agrupação, por meio de apelido, impôs-se. Outros métodos empíricos, ainda hoje em uso, não cobrem a complexidade da questão, exemplo de "Estes rapazes e raparigas são filhos do Zé da Ponte" (porque toda a gente sabia que morava junto da ponte), "Aqui estão as filhas e o marido da Mariana do Moleiro" (porque toda a gente sabia que a Mariana era filha de certo moleiro do sítio).

Mau-Bere (Maubere), tudo o indica, à partida não era senão antropónimo masculino e indicava apenas o indivíduo desse nome; mas era vulgar, frequente, pelo menos até aos anos 30.

Generalizando-se tal antropónimo, é de admitir que, então, o nome Mau-Bere (Maubere) tenha servido aos colonialistas para lhe darem sentido paralelo aos que se contém em zé-ninguém, joão-dos-anzóis ou maria-tonta usados em Portugal em sentido depreciativo. Simplesmente, como é óbvio, zé-ninguém não é usado para todos os Josés, joão-dos-anzóis para todos os Joões, maria-tonta para todas as Marias, mas só em relação a indivíduos de quaisquer nomes para marginá-los, humilhá-los ou, simplesmente, caracterizá-los. Portugueses usavam preto ou preta ou pretos para nomear indivíduos ou raças africanas e, a tal ponto, que homens e mulheres se deixavam chamar assim. Na sociedade portuguesa, como havia o hábito de caracterizar pessoas pelos defeitos físicos ou certos dos seus sinais característicos, era vulgar ouvir-se como se fossem nomes próprios coxo, marreco, cego, preto, zarolho, chinês, mulato. Felizmente, e quase num ápice, essas marcas cairam em desuso.

Em relação à palavra Maubere (Mau-Bere) pode explicar-se, pois, pelo complexo de superioridade dos colonialistas. Muitos, quase todos, dos portugueses que iam para Timor eram proscritos, marginalizados, castigados, condenados, escória social.

O antropónimo Maubere (Mau-Bere) ter-se tomado de significativo pejorativo não foi, de certeza, da iniciativa de naturais de Timor. Foi imposição de colonialistas. A generalização de paralelismos com zé-ninguém e joão-ninguém só foi possível por esse complexo.

Talvez primitivamente houvesse o nome Bere e fosse mais tarde precedido pelo determinativo Mau. Hipótese. Pode até admitir-se que o vocábulo tivesse, primeiro, sido usado como hipocorístico e se engatinhasse como antropónimo, ao contrário da lógica.

É assim que pode ter-se generalizado o uso da palavra Maubere conexada a zé-ninguém e, consequentemente, se carregasse do sentido pejorativo por acção do colonizador, dada a maior mobilidade dele. Daí ter-se inserido nas outras línguas locais, despida do sabor nativo.

Do que não há dúvida é de que, principalmente pela projecção da Resistência,

a palavra Maubere se impôs como nome próprio ou colectivo e como adjectivo. O vocábulo, hoje usado na língua portuguesa e pode dizer-se que nas línguas cultas do mundo inteiro e em todas as situações, outra coisa não quer dizer senão povo de Timor-Leste e o que a ele é relativo.

Os mesmosque defendem que o substantivo próprio Maubere (Mau-Bere) por se ter tomado, em tempos recuados, de significado pejorativo não deve ser usado como hoje o é, estão mas é a castigá-lo, a asfixiá-lo, para que não se dilate e viva no plano que já conquistou.

São tantos os vocábulos antigos ou mesmo menos antigos que se modificaram para um outro ou um melhor sentido que esta sessão não chegaria para referi-los. É próprio, é mesmo sinal de vida em línguas cultas. Seria fastidioso trazer exemplos, incluindo alguns do nosso quotidiano, de palavras que variam de significado de região para região, ou de Portugal para o Brasil, o mesmo vocábulo mudando de sentido, às vezes tornando-se até oposto, outras vezes ofensivo ou amaneirando-se. Vejamos como a palavra rapariga, que em Portugal é simplesmente feminino de rapaz, mulher nova, moça, menina pequena e que no Brasil pode significar meretriz, mais, que correntemente o significa.

Deixo, contudo, um último exemplo: a palavra cristão não sobreveio logo à morte de Cristo. Seguidores da Via era como se designavam todos os que O seguiram em vida e durante mais de 100 anos. Passado um século, ainda os cobradores de impostos em Antiochia designavam pejorativamente, ofensivamente, desprezivelmente de cristão os Seguidores da Via. Era um anátema, qualquer coisa como uma excomunhão.

Disse anátema, palavra chave que usei: ora anátema teve inicialmente o significado de coisa oferecida a Deus e surgiu depois da versão dos Setenta com o de coisa destinada por Deus à destruição. O oposto.

Voltando, para terminar, à palavra Cristão, que surgiu com significado altamente pejorativo, e o manteve por mais de 100 anos, pergunto se alguém, religioso ou não, se atreverá a usá-la que não seja no sentido universal e esplenderoso que hoje tem, que tem tido há quase dois mil anos.

Palavra mágica! Maubere! Usemo-la no coração, na inteligência, no ensino e na luta.

(*) Os nomes próprios masculino Maubere e feminino Bibere ilustram exemplos característicos em que a partir do nome próprio do filho primogénito (no caso, o de Maubere) ou do da filha primogénita (no caso, o de Bibere) se modificam os nomes dos pais pela aposição de Inan ou Aman. Os nomes dos pais do filho primogénito passam para Maubere Inan e Maubere Aman e os dos da filha primogénita para Bibere Inan e Bibere Aman; e se for filho ou filha ou parente de Liurai (Rei), então, ainda obrigam a preceder tudo de Nai ou de Noi. Neste caso de primogénitos filho ou filha ou aparentados de Liurai, com os nomes de Benjamim ou de Maria, seria, de Benjamim, Nai Benjamim Inan e Nai Benjamim Aman, de Maria, Noi Maria Inan e Noi Maria Aman.